

12/06/2008 – 16h33

Diante de um (ou uma) Don Juan, só lhe resta correr

Tatiana Pronin

Editora do UOL Ciência e Saúde

Nem todo mundo fica feliz no Dia dos Namorados. Especialmente quem acabou de passar por alguma experiência traumática no plano afetivo, como o azar de ter se apaixonado por um autêntico Don Juan.

O perfil, tão bem descrito na literatura e no cinema, ainda não faz parte dos manuais de classificação de personalidades patológicas, mas não tarda a ser incorporado, segundo o psicólogo Thiago de Almeida, pesquisador da USP (Universidade de São Paulo). "A síndrome do dom-juanismo está presente desde o século 19, com o surgimento do conceito de amor romântico", explica. Atualmente, em uma era de paixões voláteis, o tema é cada vez mais comum nos divãs.



O ator Johnny Depp, no filme "Don Juan DeMarco", de 1995. Segundo psicólogo, homens e mulheres podem sofrer da síndrome da sedução patológica
VOCÊ JÁ FOI VÍTIMA?

Em estudo recém-concluído, Almeida afirma que o Don Juan da atualidade se parece muito com o da ficção. "São pessoas que precisam seduzir todo o tempo, mesmo sem ter consciência disso", descreve. Aparentemente se enamoram da pessoa resistente, mas, uma vez conquistada, a vítima é invariavelmente abandonada. E, ao contrário do que se pensa, os homens não são os únicos portadores da doença, como conta o psicólogo nesta entrevista:

UOL Ciência e Saúde: O dom-juanismo pode ser considerado doença?

Thiago de Almeida: Sim. Nos manuais de classificação de patologias, como o DSM IV, o termo não existe. Mas essas obras são sempre reformuladas e acredito que o dom-juanismo será incluído em breve. É uma psicopatologia relativamente nova, que surgiu com o conceito de amor romântico, no século 19. Hoje percebemos que vários

casos descritos na literatura, inclusive de pessoas abandonadas ao pé do altar, poderiam ser classificados como exemplos da síndrome.

UOL Ciência e Saúde: A época em que vivemos, de relacionamentos mais efêmeros, predispõe ao dom-juanismo?

Thiago de Almeida: Sem dúvida. Hoje as pessoas buscam o prazer. Como manter um relacionamento nem sempre envolve prazer, eles são logo descartados. Também é importante lembrar que o Don Juan só existe porque há uma vítima em potencial. Ninguém quer se apaixonar por um tipo desses, mas existe um regime de comorbidade nessas relações. Como no caso daquele motoboy, o "maníaco do parque", e outros criminosos sedutores: as mulheres não eram levadas à força. Elas o acompanhavam porque certamente ele usava bem as palavras. O Don Juan não comete crimes, mas causa danos psicológicos muito sérios. As vítimas costumam ficar traumatizadas a ponto de evitar novos relacionamentos.

UOL Ciência e Saúde: Como reconhecer um Don Juan?

Thiago de Almeida: Ao contrário do que muita gente pensa, mulheres também podem ser Don Juan embora a prevalência seja no sexo masculino. O perfil também não deve ser confundido com o do sedutor vulgar, ou da mulher que se atira para os homens. O portador da síndrome é muito sutil na vinculação emocional, pode até ser um excelente pai ou namorado, e sabe muito bem manipular a expectativa do outro. Por fim, o Don Juan tem um histórico de romances sucessivos e intermitentes.

UOL Ciência e Saúde: Ele tem prazer em causar sofrimento?

Thiago de Almeida: Não, na verdade ele é alheio ao sofrimento do outro, tem uma espécie de embotamento afetivo. Mais ou menos como quem sofre do transtorno de personalidade anti-social, caso do "maníaco do parque".

UOL Ciência e Saúde: Você diz, no estudo, que o Don Juan age para reforçar sua auto-estima, por ter sido rejeitado na infância. Isso vale para todos?

Thiago de Almeida: Não há um estudo em massa que confirme essa teoria, mas o que observamos é que os portadores da síndrome muitas vezes tiveram problemas com seus cuidadores. A criança aprende com o tipo de relação que viveu na infância. Quando o pai ou a mãe atendem às suas necessidades, ela cresce sabendo que pode contar com alguém. Em outros casos, o cuidador é ambivalente: ora atende a seus chamados, ora os ignora. O resultado pode ser uma pessoa insegura e ciumenta, que nunca sabe se vai ser correspondida. O terceiro caso, mais associado ao Don Juan, é o do pai ou da mãe que não dá bola para a criança.

UOL Ciência e Saúde: Você também diz que muitas vítimas acreditam na possibilidade de curar um Don Juan. Isso é possível?

Thiago de Almeida: Não, infelizmente a síndrome do dom-juanismo não tem cura. A única coisa que a vítima pode fazer é se afastar. E nossa função, no consultório, é avisar que o Don Juan é como um alcoólatra. Ele sempre será viciado na endorfina natural ativada toda vez que há uma conquista.

Você também pode gostar de ver:



Como identificar um cafajeste

Amor Bandido



Seu namorado só diz a verdade, nada além da verdade?

Atenção: relacionamento perigoso.

